

Pós-modernidade: A era de mercantilização de narrativas políticas

ISABELLA SOFIA SILVEIRA

O cenário político brasileiro enfrenta, assim como a maior parte das democracias latino-americanas, sérias dificuldades para se manter estável em meio a tantos intentos autoritários por parte de alas extremistas e de grupos que almejam maior capital político (Stédile, 2024). Nesse sentido, ressaltam-se como um viés de análise crucial dessa conjuntura os debates acerca da grande crise que a esquerda brasileira enfrenta para se comunicar com a população, em contraposição a uma escalada das práticas discursivas de radicais da direita que emplacam com grande eficiência a atenção das massas e, conseqüentemente, seu apoio.

Embora episódios recentes demonstrem essa fragilidade, como a disseminação do discurso sobre a 'taxação do Pix', que culminou na recuada do governo, diante de uma flagrante distorção acerca de uma medida regulatória (Oliveira, 2025), esse lapso é o estopim de uma recorrente falha histórica. As bases do governo, com evidência, estão fragilizadas face à articulação bem-sucedida da oposição, que dissemina discursos de ódio, os quais se potencializam pela falta de regulamentação das redes e pelo monopólio comunicacional de jornais tendentes ao conservadorismo no país (Dias, 2023). No entanto, em um momento de extrema polarização, é necessário não apenas entender como esse problema se agravou, a partir de uma perspectiva temporal, mas também ilustrar a imprescindibilidade de uma mudança dos pilares de articulação da esquerda.

Articulação e identidade: contradições do malabarismo político

A princípio, nota-se um constante afastamento

comunicativo da esquerda, que se enclausura dentro de suas bases, face a repetidos episódios vexatórios. Sintoma este que representa a real crise interna, a qual possui capacidades incomensuráveis de desarticulação, em especial, no que diz respeito ao Partido dos Trabalhadores (PT), maior representação da esquerda do âmago político brasileiro atual (Oliveira, 2024). Isto, pois, desde a primeira vitória de Lula, a princípio, endereçada na valorização dos direitos sociais como pauta de interesse, a esquerda se acomodou perante a imagem do presidente. Assim, deparou-se, com uma infeliz surpresa, no início de 2025, quando a calamitosa “Crise do Pix” provou que ela era nitidamente insuficiente e provocou o início de uma queda de popularidade abrupta, quando se alcançou a maior desaprovação reportada desde a eleição (Calheiros, 2025).

Nessa vertente, o PT com capacidade articuladora reduzida por se apoiar demasiadamente no personalismo carismático de seu representante, é subjugado por uma intensa organização da extrema direita, que ao perder protagonismo na cena política, não se desarticulou como esperado (Stédile, 2024). Sobretudo, porque o partido não é uma reflexão direta de seu candidato, assim, como afirma o historiador Marcos Napolitano:

—

O fato é que o PT nunca pensou seriamente em como lidar com a natureza fisiológica e a complexa engenharia política que sustentam o pacto federativo brasileiro, atravessado por uma mistura de interesses regionais, setoriais e corporativos que refreiam qualquer projeto mais ousado de mudança (Napolitano, 2016).

Dessa forma, é importante retroceder historicamente, especificamente, nas eleições de 2014, para compreender como esse avanço se deu, de fato, no Brasil, pois, embora o cenário fosse desordenado para os políticos da ala radical de direita brasileira, isto não os impediu de avançar projetos demagógicos e moralizantes da política. Sobretudo, pautaram-se na velha retórica de “combate à corrupção”, que culminou no Golpe em 2016, consentido por meio do Impeachment na Câmara dos Deputados. Em consonância com o pensamento de Felipe Queiroz, “o discurso do campo neoliberal ortodoxo, que recriminava a participação “intervencionista” do Estado na economia,

enquanto enaltecia a ortodoxia econômica se aproveitou do caráter polissêmico do movimento para “forjar um consenso” (...)” (Queiroz, 2016 apud 2018).

A partir disso, foram constantes as estratégias de enfraquecimento da imagem da presidenta Dilma Rouseff, que pereceu sob o escrutínio da grande mídia e de toda a população que se viu perdida em meio a uma crise generalizada. Sem perspectivas das melhorias econômicas prometidas, o povo emergiu na propaganda “anti-política” da direita radical, já que à medida em que o PT se acomodava no poder, mais próximo ao centro e mais longe dos interesses da classe trabalhista ele se encontrava (Queiroz, 2018). Frente a uma subversão à lógica operante capitalista e às intensas críticas da mídia, o partido perdeu completamente seu sustentáculo, culminando no Impeachment e na intensa aproximação de Michel Temer, então presidente, de frações mais conservadoras da política.

Face a tantas instabilidades, a direita radical, a partir da figura de Jair Bolsonaro se elegeu, em 2018, com a narrativa perfeita, isto pois ela surge como redentora de uma nação imersa na inflação, na ‘herança corrupta da esquerda’, na decadência de valores e de morais e, por fim, com o compromisso de “restaurar uma pátria perdida”, que, na verdade nunca existiu (Boym, 2017).

Alento às massas e controle da narrativa

Como elencam as análises realizadas pelo acervo manifesto “Historiadores pela Democracia”, “as dimensões política, econômica e ideológica da crise se entrecruzaram, formando o labirinto atual que nos parece levar ao abismo da intolerância política e da fratura social” (Napolitano, 2016). Em consonância a essa perspectiva, o filósofo Ortega y Gasset já narrava em sua obra acerca de relações semelhantes, com o conceito “homem-massa”, que é marcador da participação política da população média (Almeida; Charles; Roger, 2007). Isto, pois a “massa” atual não é destituída de educação formal, pelo contrário, ela é composta por pessoas que obtiveram sua ascensão social por meio de algum diploma.

Assim, a partir dessa qualificação, creem entender todos

os aspectos do âmbito político, econômico e social, ainda que não se dediquem a nenhum estudo profundo dessas áreas. Logo, a direita radicalizada se aproveita da “pretensa” consciência política do brasileiro médio, que é contemplado com soluções imediatistas a problemas estruturais complexos da sociedade. Frente a essa ótica, como afirma Rodrigo Patto, historiador de História Política e de seus desdobramentos na contemporaneidade: “De fato, há muitos novos cidadãos por aí, pessoas que descobriram a importância da política e desejam participar, mas com incrível ignorância da história do país e do mundo, tornando-se mais facilmente manipulados” (2016). Dessarte, a eleição de Jair Bolsonaro perpassou pela acomodação dessas sucessivas vitórias articuladoras e, cedo, já foi altamente privilegiado pela ação comunicativa brasileira, que conta com um jornalismo pouco afeito às políticas progressistas e a um discurso multilateral (Dias, 2023).

Sobretudo em uma conjuntura política onde é necessário se articular sob uma sociedade informacional pujante, o que impera é a lógica da “economia da atenção”, conceito de Hebert Simon, que explicita como no capitalismo, até mesmo a atenção é mercantilizada (apud Alfredo, 2024). Isto, pois “(...) na era da informação e da tecnologia, a atenção humana se tornou um recurso escasso e valioso, portanto, passou a ser mercantilizado” (Alfredo, 2024) e, para além disso, manipulado por meio de práticas discursivas substancialmente vazias, mas que espreitam o desespero e exploram a esperança das classes pormenorizadas.

Ao se depararem com esse cenário, as plataformas e jornais entenderam que a lógica operante deveria ser aquela da captura da janela de atenção de seus consumidores, independentemente do conteúdo promovido. Conforme uma coleta de dados do Tribunal Superior Eleitoral, foi elencado que notícias falsas circulam 70% mais rápido que as verdadeiras e assim como anuncia a página do órgão judiciário “A desinformação é um mal social que interessa a muita gente!” (2022) e, como foi exposto, em especial, à direita radical. Em essência, o debate que prevalece atualmente, é o do controle da narrativa, com pautas que perdem sua relevância face a discussões vazias de reflexão substancial ou que são permeadas por inverdades e distorções.

Segundo a jornalista Thais Oliveira, em editorial sobre a “Crise do Pix”, “A justiça fiscal importa, mas um governo que chega à sua metade com popularidade claudicante não pode se dar ao luxo de bancar medidas que, embora

corretas no papel, cutucam os nervos de uma parcela tão expressiva e já precarizada da população” (2025). Por essa via, é evidente a necessidade da regulação das redes para, de fato, acomodar os ditames da democratização do acesso à informação de qualidade, como pretende o PL das fake news (2630/2020).

Entrementes a essa questão, cabe também destacar a perseguição política a qual o juiz do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, foi submetido após suspender as atividades do aplicativo X, antigo Twitter no Brasil, devido uma série de descumprimentos de ordem legal por parte da empresa sob o mando de Elon Musk (Hising, 2024). Episódio este que reuniu um sem-número de acusações acerca de uma alegada postura autoritária por parte do juiz. No entanto, pouca atenção foi direcionada aos reiterados chamados à justiça aos quais a empresa ignorou, após retirar sua representação legal do país. A partir dessa dinâmica, o que foi noticiado sobre Moraes o coloca como autoritário e impositor da “censura” sobre os meios comunicacionais. Embora, o que se note, é a ausência de responsabilidade na propagação de informações tanto nos meios sociais como na mídia, como um todo, de forma a desafiar a soberania e a legislação nacionais e deslegitimar a flagrante necessidade de regulamentação das plataformas (Giroux; Figueiredo, 2024).

Reflexo este que é notório em uma tendência internacional de ascensão de políticos deste espectro, assim, o que não faltam são exemplos desta radicalização. Questão observada tanto no âmbito americano, com Javier Milei, o fenômeno bolsonarista e, mais recentemente, com a reeleição de Donald Trump, como no europeu, onde se verificam preocupantes ganhos conservadores na Itália, na França e, de maneira preocupante, também na Alemanha. Logo, o exemplo brasileiro é apenas mais um, em meio a uma ascensão neoliberal e extremista que explora a opinião pública de populações que hoje enfrentam as piores mazelas sociais, face às próprias contradições do capitalismo (Stedilé, 2024). Em contrapartida, são justamente os grandes bilionários, detentores das chamadas “big techs” do ramo da tecnologia da informação, os maiores interessados na disseminação massiva desse conteúdo, fato ilustrado com a desregulamentação de mecanismos de checagem de fatos em diversas plataformas, como o Twitter e as empresas da Meta (Dias, 2025). Logo, o alinhamento dessas empresas ao discurso da direita radical ilustra como esses sucessivos ataques obtiveram tanto impacto na imagem de Lula e do PT como um todo, que não contemporaneamente se desgasta (Queiroz,

2018).

Considerações finais

Em última instância, é urgente à esquerda brasileira buscar novas metodologias comunicativas que não se baseiem unicamente na imagem do presidente eleito, pois, apesar de, muitas vezes, resgatar o partido de sua posição crítica, está também em uma posição de desgaste, o que é esperado devido à longevidade de sua carreira pública. Notadamente existe um grande equívoco nas discussões políticas de esquerda, uma vez que se baseiam na errônea concepção de que existe uma distinção entre “agenda real” e “agenda midiática”, em um momento em que essas duas esferas já não são mais dissociáveis. Como ilustra o pesquisador de comunicação social, Vinícius Wu, da PUC-Rio, “É preciso que os partidos de esquerda e movimentos sociais parem de ver a comunicação como um detalhe da política. A comunicação é o centro da política” (apud Maretti, 2020).

Ao mesmo tempo, carece à esquerda a mobilização agregadora e internacional que movimenta as direitas mundiais que atuam, atualmente, em uníssono (Stédile, 2024). Indubitavelmente, o apoio concedido pelos grandes donos dos meios de capital a esses políticos, como supracitado, auxilia o processo de articulação mundial, em especial porque eles se beneficiam das práticas discursivas da extrema direita. Não obstante, é crucial que os governos de esquerda consigam se amparar em estratégias multilaterais de união, em especial, os países latino-americanos que têm conseguido alcançar vitórias contra a lógica de movimentos de direita radicais, a exemplo do Uruguai, recentemente, do Chile e da Colômbia.

A lógica de intersecção entre ganhos políticos que possam ser internacionalizados é um pilar histórico dos movimentos de esquerda, como um todo, que só têm a ganhar com alianças de conjugação de forças, assim, é irônico que a ala extremista da direita tenha se aproveitado dessa estratégia de maneira tão bem-sucedida nos últimos anos. Nessa vertente, o ex-presidente do Uruguai, José Alberto Mujica, também conhecido como “Pepe”, denuncia a desarticulação da América Latina, “Temos que aprender a nos unir para nos defendermos no mundo. Sozinhos nós não somos nada” (Martins, 2023).

Embora Lula seja resiliente, as bases da sua resistência, já não são mais as mesmas, as tensões no Brasil são ferrenhas e a direita conta com um extenso capital político. Tanto que, ao questionar quem seria um possível candidato às eleições presidenciais de 2026, não lhe faltam opções, pois, mesmo diante da inelegibilidade de Bolsonaro e diante de uma possível prisão do ex-chefe de governo, o fenômeno do “bolsonarismo” permanece vivo e pujante (Becker, 2025). Este cenário não poderia ser mais diferente para a esquerda, que, desarticulada, somente tem uma resposta a essa pergunta e, como explicitado acima, Lula já enfrenta sérias crises e pode não conformar a maioria em um quarto mandato. A conjuntura política brasileira anseia por uma mudança, que não é simples como pautada pelos conservadores de extrema direita, mas que deve ser endereçada por uma esquerda que deve se mobilizar e não ter vergonha de se articular frente às estruturas patrimonialistas vigentes no Brasil.

Referências

ALFREDO, Maurício. **Economia da atenção: um desafio à democracia**. Projor, 2025. Edição: 1309, ISSN 1519-7670 n° 1324. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/politica/economia-da-atencao-um-desafio-a-democracia/>. Acesso em: 09 fev. 2025.

ALMEIDA, Santiago, CHARLES, Antonio; ROGER, Luiz da Silva Almeida. **Os conceitos de minorias e massas na filosofia política de Ortega y Gasset**. Práxis Educacional, 2007, 3(3), 165-180. ISSN: 1809-0249. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=695476941010>. Acesso em: 09 fev. 2025.

BECKER, Leandro. Senado no alvo Parte 2. Reportagens sobre as estratégias da extrema direita para abocanhar maioria no Senado Federal em 2026 – e as prováveis consequências disso, 2025. **Intercept Brasil**. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/03/20/onde-estao-as-16-cadeiras-que-podem-dar-a-maioria-do-senado-a-extrema-direita-em-2026/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BOYM, S. **Mal-estar na nostalgia**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1236. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 17 maio. 2023.

BRAGA, Felipe de Queiroz. Crise política no governo Dilma Rousseff: uma análise a partir do conflito de classes. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 27, p. 136-153, 2018.

CALHEIROS, Orlando. Por que o governo está cada vez mais refém da direita? Perdendo para fake news nas redes e sem mobilização, Lula 3 negocia em termos cada vez mais desiguais. Solução depende de comunicação, mas também de uma mudança estrutural da esquerda, 2025. **Intercept Brasil**. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/02/04/por-que-o-governo-esta-cada-vez-mais-refem-da-direita/>. Acesso em: 09 fev. 2025

COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Política e Geopolítica**. EDUSP. São Paulo, 2013. Capítulo 06 – Temas e Problemas da Geografia Política Contemporânea (253 a 312p.)

DIAS, Tatiana. Big techs abraçaram bolsonarismo em ofensiva contra PL das Fake News. Extrema direita apelou até para fake news para fazer campanha contra o projeto – mas teve uma primeira derrota, 2023. **Intercept Brasil**. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/04/25/big-techs-abracaram->

Referências

bolsonarismo-em-ofensiva-contr-pl-das-fake-news/. Acesso em: 09 fev. 2025.

DIAS, Tatiana. Toda vez que alguém duvidar do mal causado pelas big techs, mostre esse dossiê. Efeitos tóxicos em crianças. Tolerância ao crime. Lucro com mentiras. Invasão de privacidade. Três ONGs se uniram para documentar o rastro de destruição, 2025. **Intercept Brasil**. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/02/06/toda-vez-que-alguem-duvidar-do-mal-causado-pelas-big-techs-mostre-esse-dossie/>. Acesso em: 26 mar. 2025

GIROUX, Henry Armand; FIGUEIREDO, Gustavo de Oliveira. Maquinário midiático e digital normaliza a extrema direita na política. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 8 out. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/maquinario-midiatico-e-digital-normaliza-a-extrema-direita-na-politica/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HISING, Ederson. Rede social X é suspensa no Brasil após ordem de Moraes. **G1**, 31 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/31/rede-social-x-suspensa-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MARETTI, Eduardo. Erro da esquerda é tratar comunicação como detalhe da política, diz pesquisador. Banalização da tragédia da covid-19 e eficiência da comunicação das bases bolsonaristas explicam a ascensão de Bolsonaro, diz Vinícius Wu, da PUC-RJ, 2020. **CUT-SP**. Disponível em: <https://sp.cut.org.br/noticias/erro-da-esquerda-e-tratar-comunicacao-como-detalhe-da-politica-diz-pesquisador-a590>. Acesso em: 09 fev. 2025.

MARTINS, Rafael Moro. Entrevista: 'Sozinhos não somos nada', diz Pepe Mujica sobre união entre países da América Latina. De passagem pelo Brasil, ex-presidente uruguaio defende cooperação no bloco, sem urgência de moeda única, mas com iniciativas que priorizem 'coisas simples', 2023. **Intercept Brasil**. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/03/08/entrevista-sozinhos-nao-somos-nada-diz-pepe-mujica-sobre-uniao-entre-paises-da-america-latina/>. Acesso em: 08 fev. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **A Crise Brasileira em perspectiva histórica**. In: BESSONE, T.; MAMIGONIAN, B.G.; MATTOS, H. (Orgs.). *Historiadores pela Democracia – O golpe de 2016: a força do passado*. São Paulo: Editora Alameda, 2016.]

Referências

OLIVEIRA, Caroline. Eleições 2024: centro e direita colocam a esquerda em sinal de alerta para 2026. Centristas vão governar a maior parte do território brasileiro a partir do ano que vem e servirão de palanque, 2024. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/29/eleicoes-2024-centro-e-direita-colocam-a-esquerda-em-sinal-de-alerta-para-2026/>. Acesso em: 26 mar. 2025

OLIVEIRA, Thais Reis. Falsa taxaço do Pix era só o sintoma — e Nikolas soube explorar a doença. Com popularidade claudicante, o governo arrisca ao subestimar os humores dos ‘batalhadores’ e precarizados, 2025. **Carta Capital**. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniaofalsa-taxacao-do-pix-era-so-o-sintoma-e-nikolas-soube-explorar-a-doenca/?utm_medium=leiamais&utm_source=cartacapital.com.br. Acesso em: 09 fev. 2025.

Pílulas contra a desinformação: notícias falsas circulam 70% mais rápido do que as verdadeiras. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Junho/pilulas-contraa-desinformacao-noticias-falsas-circulam-70-mais-rapido-do-que-as-verdadeiras>. Acesso em: 09 fev. 2025

STÉDILE, Miguel. Como vivem os monstros: um panorama da extrema direita. Historiador analisa extremismo na América Latina e na Europa e alerta: a luta antifascista é internacional. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/26/como-vivem-os-monstros-um-panorama-da-extrema-direita/>. Acesso em: 25 mar. 2025.